



XXIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias

17 A 20 DE NOVEMBRO
SÃO PAULO - SP

Eixo 2 – Inclusão e Pertencimento

Narrativas da liberdade como fonte de informação: uma análise a partir da obra autobiográfica de Mahommah Gardo Baquaqua

Narratives of freedom as a source of information: an analysis based on the autobiographical work of Mahommah Gardo Baquaqua


Ana Cristina Vieira – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) –
ana.cristinav@ufpe.br

Resumo: O trabalho apresenta uma pesquisa sobre a 'Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua' e sobre as principais autobiografias das pessoas que conquistaram a liberdade no período do tráfico transatlântico de escravizados. O estudo analisa o contexto social da editoração deste livro visando compreender o protagonismo dos autores na publicação das suas obras. A metodologia foi desenvolvida com as pesquisas bibliográfica, documental e descritiva. Os resultados enquadram as obras no Gênero literário e histórico Slave Narrative e aponta o acesso à Documenting The American South. As considerações finais apontam as autobiografias fundamentais ao entendimento do racismo antinegro e ao empoderamento negro contemporâneo.

Palavras-chave: Mahommah Gardo Baquaqua. Biografia. Autobiografia. Narrativas da liberdade. Fonte de informação.

Abstract: This paper presents research on the 'Biography of Mahommah Gardo Baquaqua' and on the main autobiographies of people who achieved freedom during the period of the Transatlantic Slave Trade. The study analyzes the social context of the publication of this book in order to understand the authors' protagonism in the publication of their works. The methodology was developed with bibliographical, documentary and descriptive research. The results classify the works in the literary and historical genre Slave Narrative and indicate access to Documenting The American South. The final considerations point to autobiographies as fundamental to the understanding of anti-black racism and contemporary black empowerment.





Keywords: Mahommah Gardo Baquaqua. Biography. Autobiography. Narratives of freedom. Source of information.

1 INTRODUÇÃO

As biografias são fontes de informação que descrevem a vida e as realizações dos sujeitos na sociedade, respondendo anseios pessoais e/ou às necessidades sociais de determinados agrupamentos humanos. Durante um longo tempo no desenvolvimento das ciências modernas, essas narrativas biográficas foram, em alguns períodos, aceitas e, em outros, rejeitadas, mas, a partir do final do século XX, passaram a ser amplamente aceitas como fonte informacional e objeto de pesquisa para estudiosos das diversas áreas do conhecimento (Del Priore, 2009). No conjunto das narrativas biográficas produzidas e difundidas ao longo dos séculos, destacam-se os registros autobiográficos dos africanos capturados pelo tráfico transatlântico de escravizados. Muitos africanos e afrodescendentes, durante o período da Diáspora africana, escreveram suas histórias ou tiveram-nas registradas por outros sujeitos e/ou instituições.


Este trabalho apresenta uma pesquisa sobre a *'Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua: um Nativo de Zoogoo, no interior da África'*, publicada em 2017 pela Editora Uirapuru. A edição original, cujo título é *Biography of Mahommah G. Baquaqua: A Native of Zoogoo, in the Interior of Africa*, foi lançada em 1854, na cidade de Detroit, em Michigan, nos Estados Unidos, sob os auspícios editoriais de George Elfwed Pomeroy na Detroit Tribune (Baquaqua, 2017).

Em linhas gerais, o livro registra as memórias de um africano, nativo da cidade de Djogou, atual região da República do Benim, na África. Mahommah Gardo Baquaqua foi capturado e escravizado no continente africano em 1840 e, posteriormente, viveu como escravizado em Pernambuco e no Rio de Janeiro, conseguindo sua liberdade na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América (EUA) (Lovejoy, 2002b). O texto autobiográfico foi escrito e publicado em um contexto político-social no qual o movimento abolicionista americano colaborava para que as autobiografias de pessoas ex-escravizadas tivessem uma boa aceitabilidade social. Dessa forma, influenciavam na organização da estrutura textual e de conteúdo (Sinanan, 2007).



Esta pesquisa é resultado de um capítulo da dissertação de mestrado intitulada *“As memórias e os lugares de memória na Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua”* defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 2021. O estudo analisa o contexto social da editoração do livro de Baquaqua visando compreender o protagonismo de outros autores na publicação das suas obras. A pesquisa se justifica à luz das leis que combatem o racismo antinegro e que contribuem para o desenvolvimento das pesquisas a respeito da escravidão negra, a saber: a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que estabelece a obrigatoriedade da temática da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo oficial da rede de ensino (Brasil, 2008); a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que garante que no mínimo 50% das vagas nas universidades e instituições federais a estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Brasil, 2012); e a Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014, que reserva 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos na administração pública federal aos negros (Brasil, 2014); bem como pelo legado das pessoas escravizadas pelo tráfico transatlântico de escravizados, expresso na criação do Dia Internacional em Memória das Vítimas da Escravidão e do Comércio Transatlântico de Escravos, comemorado anualmente em 25 de março para homenagear as pessoas escravizadas na diáspora negra (ONU, 2025).


Mahommah Gardo Baquaqua foi um africano nascido entre o período de 1820 e 1829, na cidade de Djougou, na África Ocidental, onde atualmente está localizada a região da República do Benim. Pertencia a uma família muçulmana de elevada posição econômica e social e trabalhava como serviçal no Palácio do Chefe da Cidade de Soubroukou. Esta posição próxima ao chefe da cidade despertou uma rivalidade que culminou em sua captura e venda para os mercadores de escravos em 1840, em um local conhecido como Yarakeou. Durante aproximadamente cinco anos, Baquaqua esteve na condição de escravizado no continente africano, sendo vendido várias vezes na rota que conduzia os escravizados do interior do continente até a costa africana. Em 1845, foi traficado para Pernambuco, sendo escravizado por um padeiro residente na cidade de Olinda, onde viveu por aproximadamente dois anos. Posteriormente, foi vendido para Clemente José da Costa, um capitão e co-proprietário do navio Lembrança. Na condição de escravo embarcado, participou das



viagens comerciais no Brasil e nos Estados Unidos (Lovejoy, 2002b).

Em 27 de junho de 1847, a embarcação Lembrança aportou em Nova Iorque a fim de realizar uma troca comercial de um carregamento de café. Nessa ocasião, Baquaqua conseguiu realizar sua fuga do navio, mas foi preso e submetido à Corte Distrital de Nova Iorque, no *New York City Hall*. Em 9 de agosto de 1847, com apoio dos abolicionistas, conseguiu fugir da prisão da Eldridge Street, recuperou o nome original Mahommah Gardo Baquaqua (uma vez que era chamado de José da Costa por “pertencer” ao capitão Clemente José da Costa) e viajou para Porto Príncipe, no Haiti, onde viveu como refugiado. Nesse país, ele recebeu o apoio da Sociedade Abolicionista da Missão Livre Batista Americana, convertendo-se ao cristianismo em 1848 (Lovejoy; Law, 2001). Em fins de 1849, Baquaqua, juntamente com a família do Reverendo William L. Judd, da Sociedade Abolicionista Missão Livre Batista Americana, retornou aos Estados Unidos, visitou alguns Estados do norte do país (o que o tornou conhecido entre muitos abolicionistas) e iniciou os estudos da língua inglesa no *New York Central College*, em MacGrawville, em Nova Iorque, onde permaneceu de 1850 até o final de 1852 ou início de 1853. Com o propósito de voltar para a África buscou o apoio das sociedades abolicionistas, entre elas a Missão Mendi e a Missão Livre Batista Americana (Lovejoy, 2002b). Em 1854, ele viajou para o Canadá, onde preparou a edição da sua autobiografia, publicada em 21 de agosto do mesmo ano, realizando o depósito legal para fins de direitos autorais, com um exemplar no Cartório do Tribunal Distrital dos Estados Unidos de Michigan.

De acordo com Sekora (1987), a primeira autobiografia (de que se tem conhecimento até o momento) sobre um negro ex-escravizado data do século XVIII. Esse primeiro registro é do britânico Hammom, um livro de catorze páginas publicado em 1760, que descrevia, em linguagem popular, sua vida no cativeiro. Scott (2017) enfatiza que, no século XVIII, as narrativas eram escritas por homens livres, que relatavam suas vidas antes e após a escravidão, descrevendo processos de conquista da liberdade e da conversão ao cristianismo, além do combate ao sistema escravista e o comércio de escravos. Sekora (1987) aponta que a principal obra do século XVIII foi a autobiografia de Olaudah Equiano intitulada *The Interesting Narrative of the Olaudah Equiano* ou *A interessante narrativa de Olaudah Equiano*, publicada em Londres em 1789 e, em Nova Iorque, em 1791, tornando-se a obra mais influente da escrita




abolicionista na Grã-Bretanha. Segundo Silva (2018), pode ser considerada uma das primeiras autobiografias de ex-escravizados a se tornar *best-seller*. Destaca-se que, no século XVIII, as histórias e confissões de criminosos também se tornaram populares na América e na Grã-Bretanha até o início do século XIX (Sekora, 1987). Para Scott (2017), as autobiografias de ex-escravizados mais vendidas nos Estados Unidos no século XIX foram:

- a) *A narrative of the adventures and escape of Moses Roper from American slavery* ou *Uma narrativa das aventuras e a fuga da escravidão americana de Moses Roper*, publicada em 1838;
- b) *Narrative of the life of Frederick Douglass, an American slave*, ou *Narrativa da vida de Frederick Douglass, um escravo americano*, publicada em 1845 (tornou-se um *best-seller*);
- c) *My Bondage and my Freedom* ou *Minha escravidão e minha liberdade*, de Frederick Douglass, publicada em 1855;
- d) *Life and times* ou *Vida e tempos*, de Frederick Douglass, publicada em 1881, com versão expandida em 1892;
- e) *Narrative of William W. Brown: a fugitive slave* ou *Narrativa de William Wells Brown: um escravo fugitivo*, de William Wells Brown, publicada em 1847;
- f) *Twelve years a slave* ou *Doze anos de escravidão*, de Solomon Northup, publicada em 1853.

Em Cuba, destaca-se a autobiografia de Juan Francisco Manzano, escrita em primeira pessoa e publicada em formato de livro a partir de um manuscrito de 1835. Com auxílio de abolicionistas, foi traduzida para a língua inglesa e publicado em Londres no ano de 1840, sob o título *The autobiography of a slave* ou *A autobiografia de um escravo*, considerada a única do gênero elaborada por um escravizado latino-americano (Silva, 2018).

2 METODOLOGIA

A pesquisa se apresenta como *bibliográfica* e *documental*. Do ponto de vista dos procedimentos, foram utilizados os registros bibliográficos e documentais disponíveis em bibliotecas, arquivos e recursos digitais. Foram utilizados: livros, artigos



de periódicos, vocabulário controlado, dicionário, dissertações, gravuras, teses, leis, bibliotecas digitais nacionais e internacionais e bases de dados. A investigação é *descritiva* porque tem como propósito descrever os fatos e fenômenos de uma determinada realidade, exigindo do investigador um considerável volume de informações sobre o objeto pesquisado (Gerhardt; Silveira, 2009). Para Gil (2008), pesquisas desse tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno; o estabelecimento de relações entre variáveis; e, em alguns casos, a determinação da natureza dessas relações.


O trabalho apresenta uma pesquisa sobre a '*Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua*,' livro publicado em 2017 pela Editora Uirapuru, e sobre as principais autobiografias das pessoas que conquistaram a liberdade no período do tráfico transatlântico de escravizados. O estudo analisa o contexto social da editoração deste livro visando compreender o protagonismo dos autores na publicação das suas obras.

Como fundamentação conceitual a pesquisa baseou-se nos estudos de Lovejoy e Law (2001), Lovejoy (2002a), e Lovejoy (2002b), sobre as biografias das pessoas escravizadas foram utilizadas as análises de Sekora (1987) e os estudos sobre o abolicionismo americano de Azevedo (2003) e de Scott (2017).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Carreta (2007), os relatos autobiográficos das pessoas escravizadas africanas e afrodescendentes vítimas do tráfico transatlântico de escravizados constituem um gênero literário e histórico denominado *Slave Narrative* ou *Narrativa Escrava*, também denominado por Lovejoy (2002a) como Narrativas da liberdade. A *Slave Narrative* se constitui pelos relatos da vida das pessoas escravizadas, a partir dos registros orais ou escritos produzidos por elas mesmas (Enciclopédia Britânica, 2020).

As narrativas escravas foram editadas na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos, no Canadá e em nações do Caribe, produzidas e publicadas pelas sociedades abolicionistas ou por editoras privadas, com auxílio financeiro das sociedades abolicionistas ou com recursos das pessoas emancipadas. Essas biografias serviram como instrumento de propaganda abolicionista britânica no século XVIII e às



sociedades abolicionistas americanas durante o século XIX (Carreta, 2007).


Segundo Azevedo (2003), no século XVII, os anglicanos da Grã-Bretanha discordaram da doutrina calvinista da predestinação, e a insatisfação promoveu a criação e o desenvolvimento de novas formas de pensar as sociedades e os seres humanos. Esse contexto propiciou o desenvolvimento das sociedades abolicionistas, que se destacaram principalmente nos séculos XVIII e XIX.

No século XIX, os Estados Unidos desenvolveram um movimento abolicionista estruturado, com muitas sociedades abolicionistas. Segundo Hoffnagel (2016), existiam sociedades abolicionistas negras, brancas e mistas, e isso possibilitou um considerável número de publicações de periódicos espalhados pelos Estados do Norte.

No mesmo século, os abolicionistas passaram a utilizar os relatos autobiográficos das pessoas ex-escravizadas fugitivas das fazendas do sul para defender a abolição da escravidão durante as décadas de 1840 e 1850. Esses textos enfatizavam o africano e o afro-americano como um irmão, não como um escravizado defendido pelo sistema, admitindo, dessa forma, sua humanidade e a luta pela liberdade (Azevedo, 2003). Ressalta-se que, posteriormente, os abolicionistas antiescravistas americanos defendiam a abolição da escravidão apenas sob a perspectiva econômica e social.

A partir de 1830, as autobiografias passaram por transformações, sendo escritas não mais por africanos, mas afro-americanos, nascidos nos Estados Unidos, que fugiam da escravidão dos Estados sulistas para os Estados do norte do país, mesmo após o término do comércio de escravos em 1807. A lucratividade da agricultura do algodão contribuiu para péssimas condições de trabalho escravo e aumento dos castigos severos nas fazendas, revelando o lado desumanizante do sistema (Scott, 2017). As narrativas da liberdade eram vendidas nas reuniões das sociedades abolicionistas e publicadas por imprensa própria. Os relatos apresentavam a visão das pessoas sobre a sociedade escravista e representavam uma literatura ativista; os livros autobiográficos alcançaram grande sucesso de vendas, superando as obras publicadas por autores brancos, como Herman Melville, Henry David Thoreau e Nathaniel Hawthorn (Scott, 2017).

Após 1831, as autobiografias das pessoas ex-escravizadas se tornaram mais populares que os romances e autobiografias de pessoas negras livres, e se tornaram o




gênero mais popular da literatura afro-americana. A credibilidade das obras se dava pelo processo editorial composto por instituições abolicionistas, coordenadas por homens brancos. Até 1830, existiam aproximadamente 80 sociedades antiescravistas nos EUA; em um curto espaço de tempo, a maioria delas buscou publicar as obras para expandir a causa abolicionista (Sekora, 1987).

Destaca-se que, embora as narrativas escravas americanas fossem populares no século XIX, no período após a Guerra Civil Americana, foram esquecidas e até repudiadas pelo público (Cabral; Carola, 2019). Segundo Azevedo (2003), após a Guerra Civil, os abolicionistas foram considerados sob quatro perspectivas: a primeira, para os historiadores nacionalistas, eram vistos como heróis da moral e teriam contribuído para a Guerra e o fim da escravidão; na segunda, suas contribuições foram minimizadas a Frederick Jackson Turner e Charles e Marly Beard, que enfatizaram os aspectos econômicos da guerra; na terceira, os abolicionistas foram considerados como fanáticos, acusados de promover uma guerra desnecessária; e; na quarta abordagem, os abolicionistas foram valorizados pelo engajamento nas questões sociais.

Contudo, após a Guerra de Secessão, as pessoas ex-escravizadas continuaram escrevendo autobiografias inspiradas nas narrativas autobiográficas anteriores à guerra, com o objetivo de afirmar a população afro-americana no progresso social e econômico; a partir da narrativa de Booker T. Washington, publicada em 1901, intitulada por *Up From Slavery*, os estudiosos passaram a compreender a importância das narrativas escravas para a historiografia da escravidão americana e para o desenvolvimento da autobiografia e ficção afro-americana, como: *The autobiography of Malcolm X*, ou *A autobiografia de Malcom X*, de autoria de Alex Haley, publicada em 1965; e *The color purple*, ou *A cor púrpura*, de Alice Walker, publicada em 1982; estas obras criticavam as injustiças raciais e aos valores de igualdade e liberdade americanos (Scott, 2017).

Em 1935, foi criado nos EUA, o Federal Writer's Project (FWP) ou Projeto dos Escritores Federais (renomeado em 1939 como WPA Writer's Program), que conseguiu reunir e organizar mais de 1.700 publicações de livros e artigos de diversas temáticas e inclusive as histórias orais das pessoas ex-escravizadas, resultando na criação, difusão e reconstrução de uma memória nacional e mundial por meio das




publicações (Library of Congress, 1936).

Sekora (1987) explica que as histórias orais organizadas pelo Projeto dos Escritores foram reunidas pela Biblioteca do Congresso Americano sob o título de *Slaves Narrative Collection* ou *Coleção das narrativas escravas*. Com base nesses relatos, os historiadores e pesquisadores voltaram a questionar a importância das obras para a história da escravidão americana, assim como para toda a história negra. No período de 1936 a 1938, o projeto conseguiu reunir 2.194 entrevistas de ex-escravizados, publicadas em 1972, incluindo cartas de escravizados para outros escravizados, preservados nos jornais e em coleções de manuscritos anteriores à Guerra (Sekora, 1987).

Posteriormente, em 1946, a pesquisadora Marion Wilson Starling realizou um estudo detalhado sobre as narrativas escravas para sua pesquisa na Universidade de Nova Iorque em 1946, sob a coordenação de Oscar Cargill. O trabalho reuniu inúmeros testemunhos e relatos dos escravizados espalhados em diversas coleções de arquivos e nas entrevistas relatadas no Projeto Federal dos EUA (Costanzo, 1990). O estudo sobre essas narrativas reuniu testemunhos escritos, livros e as histórias orais, entre 1760 e 1865, com edições após a Guerra Civil dos Estados Unidos e publicações nos formatos de livro e de panfleto (Scott, 2017). O trabalho foi publicado com o título *The slave narrative: its place in American literary history* ou *A narrativa do escravo: seu lugar na história literária americana*, publicada no ano de 1981 (Sekora, 1987).

Nas décadas de 1950 e 1960, as narrativas escravas estudadas nas universidades receberam novas impressões durante o movimento dos direitos civis americanos. As biografias dos ex-escravizados inspiraram a produção afro-americana das *Neo-slaves narratives* ou *As Neonarrativas*, que se apresentam como romances ambientados no período escravista em uma perspectiva moderna, exigindo interpretação e reflexão do leitor, buscando a reflexão sobre o passado e observando as relações sociais dos Estados Unidos com os sujeitos afro-americanos (Nakanish; Nigro, 2019).

A partir dos anos 90, a Biblioteca da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, desenvolveu um programa de publicação eletrônica, a *Documenting The American South* (DAS) ou *Documentando o Sul Americano* (Dominguez; Hewitt, 2007). O DAS é um banco de dados de materiais de pesquisa que disponibiliza um




grande número de autobiografias, biografias, ensaios, relatos de viagens, poesia, diários, cartas e memórias; composto por dez coleções, dentre elas destaca-se a *North American Slave Narratives* ou a *Narrativas de Escravos Norte-Americanos*, composta por livros e artigos que documentam a história individual e coletiva de afro-americanos lutando por liberdade e pelos direitos humanos nos séculos XVIII, XIX e XX (Dominguez; Hewitt, 2007). Essas fontes representam a única informação conhecida sobre a escravidão, escrita sob o ponto de vista dos próprios escravos. Atualmente, essa literatura tem sido proeminente nos currículos históricos das universidades americanas que analisam o poder desses textos para provocar reflexão e debate entre seus leitores, particularmente sobre as questões de raça, justiça social e o significado da liberdade (Dominguez; Hewitt, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas autobiográficas dos ex-escravizados foram produzidas para conscientização social em relação à violência sofrida por pessoas africanas e afrodescendentes pelo sistema escravista. As obras se valeram do uso do simbolismo cristão como um recurso para sensibilizar o público leitor, em geral composto de pessoas brancas e cristãs do norte dos Estados Unidos. A autobiografia de Mahommah Gardo Baquaqua, bem como as demais narrativas da liberdade, tem uma importância singular para os leitores atuais, principalmente para o fortalecimento da identidade dos sujeitos de ascendência africana. Espera-se que outras memórias autobiográficas sejam analisadas no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Finalizo, ressaltando e agradecendo o apoio dos pesquisadores e historiadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) que gentilmente indicaram as fontes de informação sobre a temática, contribuindo assim para a concretização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C. M. M. de. **Abolicionismo**: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX). São Paulo: Annablume, 2003.



BAQUAQUA, Mahommah Gardo. **Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua**: um nativo de Zoogoo, no interior da África. São Paulo: Uirapuru, 2017.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Brasília: Planalto, 2008. Disponível em: <https://www4.planalto.gov.br/legislacao>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Brasília: Planalto, 2012. Disponível em: <https://www4.planalto.gov.br/legislacao>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BRASIL. **Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014**. Brasília: Planalto, 2014. Disponível em: <https://www4.planalto.gov.br/legislacao>. Acesso em: 10 abr. 2025.

CABRAL, G. da S.; CAROLA, C. R. A escrita de si e a busca de liberdade: a narrativa de Mahommah Baquaqua. **Antares**: Letras e Humanidade, Caxias do Sul, v. 11, n. 22, p. 116-141, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/issue/view/300>. Acesso em: 10 abr. 2025.

CARRETA, V. **Equiano, the african: Biography of Self-Made Man**. New York: Penguin, 2007.

COSTANZO, A. Review of Marion Wilson *stirling the slave narrative: its place in american history*. **Explorations in sights and sounds: Annual Review Supplement to Explorations in Ethnic Studies**, [S. l.], n. 10, p. 53-55, 1990. Disponível em: <https://scholarscompass.vcu.edu/ess/vol10/iss1/38/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

DEL PRIORE, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 7-16, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/wjzgxRYmBc577pm4QqVfDtb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2025.

DOMINGUEZ, P. B.; HEWITT, J. A. A Public Good: Documenting the American South and Slave Narratives. **RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts and Cultural Heritage**, v. 8, n. 2, p. 106-124, 2007. Disponível em: <https://rbm.acrl.org/index.php/rbm/article/view/285>. Acesso em: 10 abr. 2025.

ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. **Slave narrative**. [online]. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/slave-narrative>. Acesso em: 10 abr. 2025.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Acesso em: 10 abr. 2025.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOFFNAGEL, M. J. Abolicionismo e antiescravidão na América do Norte (século XIX). [Entrevista em vídeo]. **Projeto Baquaqua**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/@projetoBaquaqua4610>. Acesso em: 10 abr. 2025.

LIBRARY OF CONGRESS. **Collection American life histories: manuscripts from the**



Federal Writer's Project, 1936 to 1940. [s.d.]. Disponível em: <https://www.loc.gov/collections/federal-writers-project/about-this-collection/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

LOVEJOY, P. E. **A escravidão na África**: uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a.

LOVEJOY, P. E. Identidade e a miragem da etnicidade: a jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas. **Afro-Ásia**, Bahia, n. 27, p. 9-39, 2002b. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/issue/view/1463>. Acesso em: 10 abr. 2025.

LOVEJOY, P. E.; LAW, R. (ed.). *The biography of Mahommah Gardo Baquaqua: his passage from slavery to freedom in Africa and America*. Nassau Street, Princeton: Markus Wiener Publishers, 2001.

NAKANISHI, D. S.; NIGRO, C. M. C. A escravidão presente na literatura afro-americana: três séculos observados. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 63-78, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18847>. Acesso em: 10 abr. 2025.

ONU. Década Internacional de Afrodescendentes 2015-2024. **Dia Internacional em Memória das Vítimas da Escravidão e do Comércio Transatlântico de Escravos**. [online]. Disponível em: <https://decada-afro-onu.org/slave-trade.shtml>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SCOTT, L. O. *Autobiography: slave narratives*. **Oxford Research Encyclopedias**, jul. 2017. Disponível em: <https://oxfordre.com/literature>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SEKORA, J. *Black message/white envelope: genre, authenticity, and authority in the antebellum slave narrative*. **Callaloo**, n. 32, p. 482-515, 1987. Disponível em: <https://www.ux1.eiu.edu/~rlbeebe/sekora.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SILVA, B. B. da. **Da autobiografia ao jogo**: o ensino das relações étnico-raciais a partir das experiências de Mahommah Gardo Baquaqua. 2018. 185 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33665>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SINANAN, K. *The slave narrative and the literature of abolition*. In: FISCH, Audrey (ed.). **The african american slave narrative**. New Jersey: Cambridge University Press, 2007. p. 61-80. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/the-cambridge-companion-to-the-african-american-slave-narrative/2B8DEE3C0A0BB28460C949151AA793ED#fndtn-contents>. Acesso em: 10 abr. 2025.